

Caderno nº 31



A FISIONOMIA DO RIO GRANDE DO SUL

BALDUÍNO RAMBO S. J.

Separata do volume:
Fundamentos da Cultura Rio-Grandense
Primeira Série

* Grafia da publicação original

organização:
Faculdade de Filosofia
Universidade do Rio Grande do Sul

Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica



SÉRIE 1 - CONSERVAÇÃO E ÁREAS PROTEGIDAS

- Cad. 01 - A Questão Fundiária, 1ª ed./1994, 2ª ed./1997
- Cad. 18 - SNUC - Sistema Nacional de Unidades de Conservação, 1ª ed./2000, 2ª ed./2004
- Cad. 28 - RPPN - Reservas Particulares do Patrimônio Natural da Mata Atlântica, 2004

SÉRIE 2 - GESTÃO DA RBMA

- Cad. 02 - A Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, 1ª ed./1995, 2ª ed./1996
- Cad. 05 - A Reserva da Biosfera da Mata Atlântica no Estado de São Paulo, 1ª ed./1997, 2ª ed./2000
- Cad. 06 - Avaliação da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, 1ª ed./1997, 2ª ed./2000
- Cad. 09 - Comitês Estaduais da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, 1ª ed./1998, 2ª ed./2000
- Cad. 24 - Construção do Sistema de Gestão da RBMA, 2004
- Cad. 25 - Planejamento Estratégico da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, 2003

SÉRIE 3 - RECUPERAÇÃO

- Cad. 03 - Recuperação de Áreas Degradadas da Mata Atlântica, 1ª ed./1996, 2ª ed./2000
- Cad. 14 - Recuperação de Áreas Florestais Degradadas Utilizando a Sucessão e as Interações planta-animal, 1ª ed./1999, 2ª ed./2000
- Cad. 16 - Barra de Mamanguape, 1ª ed./1999, 2ª ed./2000

SÉRIE 4 - POLÍTICAS PÚBLICAS

- Cad. 04 - Plano de Ação para a Mata Atlântica, 1ª ed./1996, 2ª ed./2000
- Cad. 13 - Diretrizes para a Política de Conservação e Desenvolvimento Sustentável da Mata Atlântica, 1999
- Cad. 15 - Mata Atlântica: ciência, conservação e políticas, 1999
- Cad. 21 - Estratégias e Instrumentos para a Conservação, Recuperação e Desenvolvimento Sustentável da Mata Atlântica, 1ª ed./2002, 2ª ed./2004
- Cad. 23 - Certificação Florestal, 2003
- Cad. 26 - Certificação de Unidades de Conservação, 2003
- Cad. 27 - Águas e Florestas da Mata Atlântica: por uma gestão integrada, 2004
- Cad. 30 - Certificação em Turismo Sustentável - Norma Nacional para Meios de Hospedagem - requisitos para a sustentabilidade - NIH-54 de 2004, 2005

SÉRIE 5 - SÉRIE ESTADOS E REGIÕES DA RBMA

- Cad. 08 - A Mata Atlântica do Sul da Bahia, 1998
- Cad. 11 - A Reserva da Biosfera da Mata Atlântica no Rio Grande do Sul, 1998
- Cad. 12 - A Reserva da Biosfera da Mata Atlântica em Pernambuco, 1998
- Cad. 22 - A Reserva da Biosfera da Mata Atlântica no Estado do Rio de Janeiro, 2002
- Cad. 29 - A Reserva da Biosfera da Mata Atlântica no Estado de Alagoas, 2004

SÉRIE 6 - DOCUMENTOS HISTÓRICOS

- Cad. 07 - Carta de São Vicente - 1560, 1ª ed./1997, 2ª ed./2000
- Cad. 10 - Viagem à Terra Brasil, 1998
- Cad. 31 - A Fisionomia do Rio Grande do Sul, Padre Balduino Rambo S.J., 2005

SÉRIE 7 - CIÊNCIA E PESQUISA

- Cad. 17 - Bioprospecção, 2000
- Cad. 20 - Árvores Gigantescas da Terra e as Maiores Assinaladas no Brasil, 2002

SÉRIE 8 - MaB-UNESCO

- Cad. 19 - Reservas da Biosfera na América Latina, 2000

Caderno nº. 31

A Fisionomia do Rio Grande do Sul

Balduíno Rambo S.J.

Separata do volume:
Fundamentos da Cultura Rio-Grandense
Primeira Série

* Grafia da publicação original.



organização:
Faculdade de Filosofia
Universidade do Rio Grande do Sul
1954



Caderno nº 31

BALDUÍNO RAMBO S.J. **A Fisionomia do Rio Grande do Sul**

Separata do volume:
Fundamentos da Cultura Rio-Grandense
Primeira Série

* Grafia da publicação original.

organização:
Faculdade de Filosofia
Universidade do Rio Grande do Sul
1954



A Balduino Rambo, em homenagem ao seu centenário de nascimento, o mais importante naturalista do Estado do Rio Grande do Sul.

Com este caderno o CN-RBMA dá seqüência à Série de Documentos Históricos dos Cadernos da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, divulgando informações importantes e promovendo a preservação e a conservação não apenas ambiental, mas também da cultura conservacionista.

Nesta edição, comemorativa ao centenário de nascimento do Padre Balduino Rambo, foi mantida a grafia da época da publicação original.



SUMÁRIO:

	Pág.
Apresentação	11
1. A Fisionomia do Rio Grande do Sul	13
2. Obras e Textos Publicados	31
3. Padre Balduino Rambo e nós	37



APRESENTAÇÃO

A Fisionomia do Rio Grande do Sul – ensaio de monografia natural (3ª edição, Editora UNISINOS, 1994), é uma obra clássica da cultura regional. O Pe. Balduino Rambo, S.J. (11.08.1905 –12.09.1961), é um rio-grandense com expressão como escritor, humanista, religioso e cientista.

Esta síntese de sua principal obra foi publicada em Fundamentos da Cultura Rio-Grandense, em 1954, na forma de conferência e revela o domínio do Pe. Rambo no atual tema da ecologia regional e da paisagem.

A ASSECAN – Associação Ecológica Canela-Planalto das Araucárias, propôs, na primeira reunião do Comitê Estadual da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, realizada em 1997, em Canela, que o Pe. Rambo tivesse um memorial no Parque Nacional de Aparados da Serra, que teve a sua participação ativa para ser criado por um decreto estadual em 1957.

Desde 1998, com as parcerias do Colégio Anchieta, UNISINOS e IBAMA, está implantado no Centro de Visitantes desse Parque, o Espaço Cultural Pe. Balduino Rambo S. J., para preservar e divulgar a memória da sua vida e obra.

A ASSECAN promove a publicação e divulgação deste documento, comemorando o transcurso do centenário de nascimento do seu autor, pois, somente conhecendo a importância ambiental da paisagem rio-grandense se pode preservar uma cultura conservacionista.

O biorregionalismo é a forma como a ASSECAN, no Planalto das Araucárias, com a inspiração do Pe. Balduino Rambo, está implantando o Museu da Araucária, com sede na RPPN Bosque de Canela, contribuindo assim para a gestão da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica.

Cilon Estivalet
assecan@via-rs.com.br;



1. A FISIONOMIA DO RIO GRANDE DO SUL¹

A cultura humana é o produto natural e necessário da natureza humana, tal qual historicamente se apresenta. Entre os fatores da cultura, os mais importantes são os internos: inteligência espiritual, vontade livre e vida emotiva; seguem, em segunda linha, os fatores de caráter social: família, estado político e sociedade religiosa; vêm, em terceiro lugar, os fatores físicos do ambiente externo: caráter de economia, ciclo anual do clima, fisionomia geral da paisagem.

É sobre este último fator que queremos falar na presente conferência. De ingresso, porém, é necessário definir, com todo o rigor, o alcance do fator paisagem na cultura humana. Há, na história da antropogeografia, o erro dos que pensaram poder derivar todos os aspectos da cultura humana dos influxos do mundo exterior e físico; e há o erro dos que menosprezam os estímulos e as inibições vindas de fora, a favor duma pretensa cultura inteiramente espiritualizada. Na realidade, vale para a cultura o mesmo axioma que governa os conhecimentos de ordem puramente intelectual: nada está na mente que não esteve primeiro nos sentidos. Grande parte da matéria prima dos nossos pensamentos e conceitos nos é fornecida pelo mundo físico externo; seus símbolos e suas analogias, suas luzes e suas trevas, suas auroras e seus ocasos acompanham o homem desde os primeiros albores da inteligência, até o derradeiro crepúsculo da vida. Toda a nossa vida intelectual, volitiva e emocional está estruturada de imagens, lembranças, situações concretas radicadas na paisagem, que nos viu nascer, crescer e trabalhar, e um dia nos receberá para o longo descanso. É sobre esta larga base genuinamente humana que se constituem os matizes peculiares à cultura individual de cada um, o amor ao torrão natal, o sentimento de bem-estar espiritual e tantos outros fatores positivos e primordiais de toda cultura bem formada.

¹ Texto extraído de Fundamentos da Cultura Rio-Grandense (primeira série), publicado pela Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul em 1954.



Neste sentido, o estudo dos fundamentos da cultura rio-grandense não pode ser completo sem que se analise, aliando o rigor científico ao carinho pelo torrão natal, a fisionomia da paisagem; e como o presente ciclo de estudos culturais é de caráter essencialmente histórico, imergindo no passado para melhor compreender o presente, também o estudo da paisagem deve ser talhado pelo mesmo método: procurando reconstituir o passado das nossas paisagens, queremos melhor entender, apreciar e amar o presente.

No conceito moderno, a geografia completa de uma paisagem toma as feições de verdadeira biografia: unindo todos os recursos amontoados no vasto arsenal das ciências naturais, a geografia procura estabelecer a síntese mais perfeita possível, de todos os conhecimentos ao nosso dispor, para desta maneira desenhar, traço por traço e feição por feição, a fisionomia da paisagem, que é o cenário da atividade cultural do homem. No desempenho desta nobre tarefa, a geografia cumpre - seja dito de passagem - sua missão altamente educativa, como, no mesmo grau de perfeição, nenhuma outra ciência natural a pode desempenhar.

A história da paisagem rio-grandense começa por aquela parte do Estado, que no esquema oficial de divisão se denomina **Serra do Sudeste**, ou, em linguagem geológica, **Escudo rio-grandense**. Abrange o quadrante sudeste do Estado, que pode ser rudemente encerrado ao norte entre Viamão e Caçapava, ao oeste entre S. Sepé e Bagé, ao sul pela fronteira uruguaia, ao leste pela margem interna da Lagoa dos Patos. Petro-gráficamente, seu fundamento é em tôda a parte o granito azóico, capeado, em raras ocorrências, por chistos cristalinos do começo do paleozóico e depósitos glaciais do permiano; nos recôncavos externos das serras graníticas encontram-se, formando vasto semicírculo que começa perto de Viamão e termina no Uruguai, depósitos de carvão da idade permiana. Mineralogicamente, é a região dos minérios de cobre, de ouro, de chumbo, de estanho e de tungstênio, cujo valor é realçado pela proximidade do carvão e dos xistos betuminosos. Fisionomicamente, é uma terra de suaves colinas e montanhas de contorno arredondado, com os flancos e os topos cobertos de pastagens, e os vales assinalados por longas

e estreitas faixas de matos de galeria. Os panoramas que se desdobram ao observador aéreo se parecem a imensos mapas em relêvo, onde todos os pormenores da paisagem se destacam com absoluta nitidez.

É aqui que principia a história antiga do Rio Grande do Sul. Os depósitos de xistos cristalinos são os últimos restos destas formações paleozóicas, que constituem as camadas sedimentares mais antigas do planalto central-brasileiro. Debaixo deles solidificaram-se as imensas intrusões de magma granítico, que formam, sob o nome de bloco brasilico, não só o fundamento de todo o Brasil, mas ainda o núcleo mais primitivo do continente sul-americano. O desgaste ininterrupto das camadas sedimentares descobriu, mais e mais, o subsolo granítico, que hoje forma a superfície de grande parte do lado atlântico do Brasil; a própria cidade de Porto Alegre, com sua paisagem de morros suavemente ondulados, pertence a esta formação. É um dos blocos mais sólidos e mais maduros da crosta terrestre, destituído de vulcões e livre de terremotos.

Para têmos uma idéia tal ou qual exata da paisagem rio-grandense paleozóica, é necessário removermos do mapa todo o planalto sul brasileiro com a Serra Geral, os pampas argentinos e os Andes; o oceano, vindo do oeste, banhava os últimos contrafortes do Escudo rio-grandense, e da mesma forma a margem interna das serras costeiras catarinenses. Na realidade, a parte costeira de Santa Catarina e a Serra do Sudeste rio-grandense formavam longa península entre o Atlântico e o oceano vindo do poente; ou, mais provavelmente, um vasto arquipélago de ilhas graníticas que terminava defronte do Prata de hoje.

Êste quadro geral, que nos seus traços essenciais pode ser reconstituído sem recurso a teorias, torna-se mais nítido pelo fim do paleozóico. No período permiano deram-se dois acontecimentos, que deixaram seus vestígios indelêvelmente impressos no solo da Serra do Sudeste. Por razões climáticas, cuja causas aqui não podemos examinar, o oceano que banhava a margem ocidental dos maciços de granito ficou povoado por **montanhas de gelo flutuante**. Provenientes de geleiras



terrestres, vinham carregadas de detritos de tóda espécie; encahlhada nos baixios perto da costa, e desfeitas pela ação do calor, amontoaram êstes detritos em enormes depósitos, como os vemos entre Bagé e S. Gabriel, ou, muito mais possantes, entre Lages e Bom Retiro. Como os geólogos têm meios absolutamente certos para reconhecer a natureza de tais depósitos, trata-se, também aqui, não de teoria, mas de fato certo, embora nos custe enquadrá-lo no nosso mundo de idéias geográficas atuais.

Ao mesmo tempo, e provàvelmente em consequência da lenta retirada do oceano em sentido oeste, formaram-se, ao redor de todo o Escudo rio-grandense, grandes pantanais de água doce ou fracamente salina, que foram invadidas por uma vegetação essencialmente constitída de samambaias, entre as quais o gênero **Glossopteris** é o mais característico. Os cadáveres destes vegetais, caídos e afundados no solo pantanoso e misturados com depósitos minerais, transformaram-se em hulha, que hoje exploramos. Onde os depósitos argilosos se saturaram com os hidrocarbonetos provenientes de cadáveres animais, formaram-se os xistos pretos e betuminosos, freqüentes na Campanha. Dois répteis característicos, o **Mesosauros** e o **Stereosternum**, viviam neste mar de pouca profundidade. Convém notar, desde já, que a fauna e flora do permiano, bem como a do período subsequente, é essencialmente a mesma no Rio Grande do Sul, no sul da África, no Hindostão e em outras terras austrais, hoje separadas por vastas extensões de oceano aberto; como tais relações, no sentir da biogeografia, só podem ser explicadas por nexos de continuidade terrestre, é necessário admitir a juxtaposição de todas estas terras no permiano. Do fato, ninguém duvida; a discussão versa unicamente sôbre o modo como se operou a separação: enquanto uns dizem que as “pontes inter-continentais” de outrora se afundaram, outras - pessoalmente lhes dou razão - afirmam com Alfred Wegener, que estas terras outrora juxtapostas se separaram por deslocamento (“migração dos continentes”).

Desta maneira, a paisagem rio-grandense, no fim do paleozóico, se resumia a uma península ou grande arquipélago granítico, capeado, na parte mais alta, por restos de xistos cristalinos, e

rodeado, no oeste, por castos depósitos de geleiras, derramados no oceano muito raso; nos pantanais dos recôncavos costeiros, uma luxuriante fauna e flora, as mais antigas manifestações da vida no Rio Grande do Sul, se desdobrava durante milênios incontáveis, acabando por se carbonizar e fossilizar. Sobre a fisionomia interna das paisagens parciais: altura das montanhas, cursos de água, plantas, animais, nada sabemos.

Totalmente diversa é a paisagem rio-grandense no **mesozóico**; para dela fazermos uma idéia, torna-se necessário imaginar um deserto de areias movediças cobrindo tôda a superfície do Estado de hoje, exceção apenas do litoral e das partes mais altas da Serra do Sudeste. Note-se, de novo, que isto não é fantasia, mas simples realidade. As serras areníticas da Campanha, os taboleiros ao longo do Ibicuí, os morros antepostos à Serra Geral desde Santa Maria até Santo Antônio da Patrulha são os restos desta camada de areia, outrora coerente e de 100-200 metros de espessura. O fato de ela constituir o fundamento de tôda a Serra Geral, onde desaparece num horizonte contínuo entre Santiago de Boqueirão até Tôrres, reaparecendo nos vales profundos e do outro lado da Serra Geral no município de Araranguá, prova que se trata dum fenômeno geral em todo o centro e norte do Estado e além de suas fronteiras.

A causa dêstes imensos areiais só pode ser um clima extremamente sêco. Podemos, até certo ponto, seguir os passos dêste deterioramento climático: na base do arenito, nas camadas denominadas “Rio do Rasto”, ainda encontramos numerosas lagoas, cujas margens eram povoadas pelos **rincossaúrios**, répteis pesados alimentando-se de moluscos como demonstram seus dentes em forma de quebra-noz; a estação clássica dêstes fósseis está nas tabatingas vermelhas da Alemoa, à beira da cidade de Santa Maria. Pelo que podemos concluir, trata-se de lagunas residuais do oceano em retirada para o oeste. Outrossim, são muito freqüentes os restos silicificados de extensas florestas duma Araucariácea, que provam a existência de grandes áreas bem irrigadas no começo do mesozóico; as estações fossilíferas estendem-se ao longo da Serra, no município catarinense de Araranguá.



Entretanto, da metade do período triássico em diante, a sêca tinha tomado tais proporções, que debaixo dela sucumbiram os últimos representantes das faunas e floras antigas. Os andares mais altos do arenito rio-grandense, embora abertos em inúmeras pedreiras e cortes de estradas, jamais forneceram o mínimo vestígio de sêres vivos. A côr vermelha, a sedimentação em ângulo, os marcos ondulatórios visíveis nas faces dos lisos, demonstram com absoluta evidência, que tôda esta imensa quantidade de areia foi, durante milênios incontáveis, joguete dos ventos ardentes do deserto; os sêres vivos que por ventura conseguissem alí existir, eram raros demais para deixar vestígios, tanto mais que as areias móveis não oferecem condições favoráveis à fossilização.

Desta maneira, a paisagem rio-grandense, no fim do período triássico, o que vem a ser, no primeiro têtço do mesozóico, era inteiramente determinada pelo deserto de areias móveis; resíduos do oceano em retirada para o oeste e produtos da destruição das serras de granito, estas areias em longos renques de dunas, cobriam, de maneira uniforme, tôda a superfície do Estado, exceção feita das partes mais elevadas da Serra do Sudoeste.

Enterrando debaixo de duas centenas de metros de profundidade, os antigos pantanais nos recôncavos desta Serra, bem como os depósitos lacustres com os restos dos rincossáurios, êste manto de areia preparou a fossilização definitiva dos sêres vivos permianos e triássicos; e os últimos refúgios das Araucárias triássicas foram, pouco a pouco, invadidos pelas areias móveis e nela soterrados, como hoje o observamos, em minúscula escala, na invasão das dunas na matinha arbustiva do litoral.

Depois do triássico com os rincossáurios e araucárias como fósseis guias, vem, no quadro paleontológico do Rio Grande do Sul, um grande hiato, isto é, todo o mesozóico restante (jurássico, cretáceo) e mais o terciário, não são representados por fósseis. Isto é tanto mais de se lamentar, quanto êste período de tempo trouxe, para a história da paisagem rio-grandense, o acontecimento decisivo: **a formação do planalto.**

Muitos autores costumam colocar êste acontecimento no fim do próprio triássico; outros lhe assinam o jurássico; o certo é , apenas, que êle ocorreu posteriormente ao período de domínio das areias triássicas; como as rochas eruptivas não conservam fósseis, nenhuma solução definitiva pode ser proferida.

O grande acontecimento é o derrame de imensas massas em fusão que se espalharam sôbre todo o Brasil meridional, cobrindo uma área de mais de um milhão de quilômetros quadrados. Qual tenha sido a causa imediata dêste transtôrno, não o sabemos; a observação ensina, porém, que em muitos lugares se abriram fendas profundas na crosta da terra, atravessando o manto de areias e mesmo o fundamento de granito; e através delas, em golfadas muitas vêzes repetidas, subiu o magma ígneo, derramando-se lateralmente sôbre as areias e cozendo-as ao seu contato. Foi assim que em tôda a metade setentrional do Estado, em conexo com o planalto sul brasileiro, se constitui o andar suprêmo da nossa coluna geológica, petrográficamente formado por inúmeras variedades do meláfiro e seus congêneres. Os adeptos da teoria de Wegener - o autor é um dêles - põem êste acontecimento em relação com a separação da América meridional da África, fato que teria ocorrido da metade do mesozóico para cima. O fendilhamento do solo sul brasileiro com a conseqüente erupção de massas em fusão, seriam simples fenômeno parcial desta separação.

Entretanto, seria completamente errôneo, imaginar que êste acontecimento tenha determinado a fisionomia definitiva no Rio Grande do Sul; o que fêz, foi fornecer a matéria prima, como que o bloco de pedra, da qual a ação dos agentes geológicos, burilada por burilada, haveria de esculpir a face hodierna do Estado.

A explicação, que agora segue, está parcialmente sujeita a reforma, pois estamos muito longe de podermos formar uma idéia perfeita dos fatos que conduziram, da metade do mesozóico para cá, à constituição definitiva da paisagem rio-grandense; e é, em questões de ciências, perfeitamente lícito tentar soluções teóricas, onde as observações não são suficientes para estabelecer teses definitivas.



Façamos um esboço da fisionomia do Rio Grande do Sul no fim dos grandes derrames de meláfiro. Tôda a metade setentrional do Estado, a “Serra” de hoje, jazia completamente coberta dos negros lençóis de lavas solidificadas; para o sul, é provável senão certo, que êstes derrames chegavam, embora diminuidos em espessura, até os contrafortes da Serra do Sudoeste. Na campanha, os tênues restos conservados em muitos taboleiros demonstram que também alí a cobertura original de meláfiro era muito mais extensa do que hoje.

O que importa explicar, é o degrau abrupto formado pela **Serra Geral** e a destruição, tanto do arenito triássico como da capa melafírica, na larga faixa anteposta à Serra. Esta muralha íngreme, na larga escala anteposta à Serra. Esta (...) dades do Rio Uruguai, requer uma explicação conveniente, explicação esta que deve ser aplicada também à parte oriental, os Aparados fronteiros entre Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Antigamente, no meu livro “Fisionomia do Rio Grande do Sul” julguei poder explicar tudo cabalmente com o auxílio da erosão superficial; tal solução hoje me aparece insuficiente. O caráter abrupto de muralha, os terraços escavados nesta mesma muralha; o feitio insular dos restos da Serra hoje isolados na paisagem anteposta; certos indícios tirados da flora atual: tudo me parece sugerir uma invasão marítima posterior dos derrames melaríficos.

Tal ingresso não é apenas um “deus ex machina” para explicar o que de outra forma seria difícil de se compreender; é do domínio de todos os estudiosos da matéria, que a região argentina contígua ao Brasil meridional foi no terciário, teatro de enorme ingresso marinha, denominada enterrriana; embora não haja, até o momento, prova positiva absoluta, de que esta invasão tenha afetado também o Rio Grande do Sul, tal parece inevitável, se compararmos os dois territórios em questão. Por outro lado, veremos mais adiante, que também o litoral do Atlântico esteve, em épocas não muito remotas, sujeito a mu-

² Visivelmente falta aqui um trecho da palestra, omitido na redação da obra original (nota do editor desta versão comemorativa).

danças sensíveis de nível, de maneira que provavelmente as águas vindas do leste, infiltradas entre o maciço granítico do sueste e a Serra Geral, isolaram todo o sul do Estado com o Uruguai, encontrando-se mais adiante, com a ingressão enterriana.

Foi esta grande ingressão marítima que, em dias do terciário, determinou a fisionomia definitiva do centro e sudeste do Estado. No centro, num corredor que vai desde o Atlântico até o Rio Uruguai, o mar destruiu e removeu tôda a margem sul dos derrames melaríficos, da qual apenas algumas testemunhas, em formas de tabuleiros isolados, nos dão notícia. Na própria margem do planalto, a incessante quebrantação das ondas, tal qual a podemos observar hoje em Tôrres, produziu os precipícios a prumo, que lhe dão as feições características, tarefa em que o mar era ajudado pelo diaclasamento vertical da rocha. Na Campanha, êste mesmo mar conseguiu destruir a quase totalidade dos sedimentos triássicos de arenito, cobertos de tênue capa de eruptivas; apenas alguns núcleos mais resistentes geralmente aquelas partes do arenito que foram cozidas e quartzificadas ao contato com as eruptivas, sobreviveram a êste período.

Se estas considerações correspondem à realidade - e há excelentes razões a seu favor - então a paisagem do Rio Grande do Sul, pelo fim do terciário, foi a seguinte: No norte, na "Serra" de hoje, a massa compacta das eruptivas; na linha Central, do Atlântico até o Rio Uruguai e em tôda a Campanha do sudeste, um mar epi-continental de pouca profundidade, do qual emergiam os restos esfacelados da margem sul do planalto; no sudeste, o maciço de granito, emergindo do mar em forma de grande arquipélago, prolongado através da República do Uruguai, até defronte do Prata.

Esta ingressão marinha, porém, já neste tempo tinha ultrapassado seu auge. Os terraços por ela deixados na Serra Geral, por exemplo, entre Taquara e São Francisco de Paula, bem como em tôda a região do Caí e Taquarí, estão entre 400 e 300 metros acima do nível do mar de hoje. Isto basta para inundar



toda a metade meridional do Rio Grande, exceção feita unicamente das partes mais elevadas da Serra do Sudeste.

Começou então a lenta regressão, que não se deu em ritmo contínuo, mas com duas ou três interrupções, que deixaram seu marco nos terraços inferiores da Serra Geral; a julgar da forma inacabada das porções mais recentemente descobertas (delta do Guaíba) a retirada definitiva do mar do corredor central, é muito recente; veremos mais adiante que, na realidade, este processo continua ainda hoje.

Para a constituição da fisionomia natural duma terra, **os rios**, como linhas principais da paisagem, são de importância primária. Ora, os rios do planalto rio-grandense, excetuando unicamente o Mampituba, o Três Forquilhas e o Maquiné, nascem todos na beira dos precipícios, para em seguida, se dirigir, em longa volta, ao oeste e alcançar o oceano por via indireta. Este fato, aliás comum a todo o Brasil meridional, é outra consequência do levantamento do planalto. A margem oriental deste - margem de ruptura e separação no sentido de Wegener - seguindo as leis da isostasia que em tais circunstâncias entram em ação, levantou-se mais alta do que o resto, produzindo uma inclinação lenta mais constante em sentido sudoeste; em consequência disso, todos os rios seguem esta direção.

Este **levantamento do planalto**, além de causar a retirada do oceano e a reunião das terras já unidas no antigo deserto triássico, teve ainda outra consequência, que, por perdurar até os nossos dias, nos toca diretamente. É a constituição do ambiente climático de hoje, antes de tudo, das **condições pluviométricas**. Além de condições puramente atmosféricas, a abundância de chuvas no Rio Grande do Sul - condição primordial para sua vegetação - é devida à muralha da Serra Geral, tanto do lado sul, como no lado leste, como ainda nos vales profundos dos rios. A simples inspeção do mapa pluviométrico nos ensina, que o índice de chuvas sobe, na margem sul do planalto, por mais de meio metro, e na margem oriental por mais dum metro. A muralha da Serra e os vales profundos atuam, em toda parte, como condensadores de

umidade, favorecendo a formação de precipitações e preparando o solo para a presença de formações selváticas.

De acôrdo com isto está o fato de a selva pluvial se achar em vias de imigração no Rio Grande do Sul. Os campos, apesar de ocuparem cerca de 2 têrços da área original, em tôda a parte sucumbem aos contingentes da selva pluvial; no sentir dos fitogeógrafos, êstes campos, no clima pluvial de hoje, não passam de relitos, fadados a desaparecer mais e mais.

Chegamos, assim, ao limiar do quaternário, período atual da história da terra. O levantamento, iniciado no terciário, perdurou durante todo êste tempo e perdura nos nossos dias; a última e mais nova das grandes paisagens rio-grandenses, o **litoral**, lhe deve a existência. Defronte do antigo Escudo rio-grandense no sudeste, e da muralha de Serra Geral no nordeste, descobriu-se, passo por passo, o leito raso do Atlântico, substituído por terras arenosas e lagunas costeiras, dando origem a mais de 30.000 quilômetros quadrados de terra firme, sôbre a qual se alastrou a vegetação dos campos e dos pantanais.

Em resumo, a história das paisagens rio-grandenses é a seguinte: A paisagem mais antiga e o núcleo de fixação de todas as demais é a Serra do Sudeste; datando desde os tempos mais remotos do paleozóico e múltiplamente afetada pelas transformações seguintes, parece que jamais esteve inteiramente coberta pelo oceano ou pelas areias do deserto. Vem, em seguida, a depressão central e a Campanha do Sudeste; cobertas pelo mar no paleozóico, enterradas debaixo do deserto no triássico, inundadas pelos derrames melafíricos do mesozóico, lavradas e aplainadas pela ingressão marinha do terciário, e finalmente descobertas pela regressão marinha do começo do quaternário: têm uma história cheia de vicissitudes e contrastes, que só o estudo intenso do seu solo consegue decifrar. Em terceiro lugar, surge o planalto mesozóico debaixo de cujos derrames se esconde o deserto de areias triássicas, por sua vez espalhadas sôbre os depósitos paleozóicos e o granito arqueano; desde o momento de sua formação, o único acontecimento de importância foi o levantamento de sua borda oriental,



causando o aumento das precipitações, o desenho da rede potamográfica, a erosão profunda das margens e a imigração da selva pluvial, a partir de seus focos mais ao norte. Finalmente, já em vésperas da vinda do homem, o Atlântico, em virtude do levantamento continuado de todo o bloco rio-grandense, cedeu uma larga faixa de seu leito, constituindo o litoral.

É tal o cenário, em que se desenvolve a cultura rio-grandense. Verdade é que o influxo da paisagem sôbre o homem se exerce a partir da paisagem feita e constituída; mas, como esta paisagem é o fruto e a conseqüência de todos os acontecimentos concatenados do passado, bem podemos dizer, que as raízes da componente geográfica da nossa cultura regional estão nas brumas do passado geológico do nosso Estado.

A primeira onda de cultura humana que cobriu o nosso Estado, foi a dos **índios**. O exame mais superficial, desde logo, permite distinguir quatro conjuntos culturais, que estão em nexo estreito com as paisagens acima delineadas

Começando pela Campanha do sudeste, encontramos, nos tempos da descoberta, a cultura dos charruas e minuanos - o grupo mbaia de Aurélio Porto - irradiações dos índios dos pampas platinos, cujo artefato característico é a boleadeira de pedra.

Inteiramente afeitos à vida nestas imensas planuras, tornaram-se em menos de um século, os mais hábeis cavaleiros e os mais temíveis adversários das missões; destruídos, como nação, no entrechoque de Castela e Portugal, passaram a constituir o cerne racial dos gaúchos, protótipo do homem, cuja mentalidade é forjada pela estepe sem limites.

Desde o primeiro têrço do século 18 o Rio Grande do Sul começou a ser povoado pelos ascendentes da população de hoje. Não pode ser minha intenção, analisar aqui, traço por traço, as múltiplas feições que o ambiente geográfico, desde o comêço, imprimiu à nascente cultura rio-grandense; nem é possível estabelecer as relações naturais entre os acontecimentos bélicos e revolucionários de um lado, e o fator geopo-

lítico do outro; tal empresa absorveria um livro inteiro, e, por mais tentadora que se apresente, está muito além das possibilidades dum ciclo de estudos como o presente.

Quero antes limitar-me a mostrar, em três exemplos principais, o influxo exercido pelas paisagens sobre o imigrante, plasmando, para todo o futuro, as feições regionais de sua cultura.

A primeira corrente imigratória é a dos **açorianos**. Ilhéus vindos por via marítima, era natural que aproveitassem, para a ocupação da nova terra, as únicas vias de comunicação então existentes, os cursos inferiores dos tributários do Guaíba. Surgiram assim, afora os pontos de apóio junto ao pôrto de entrada, as vilas nos pontos mais importantes ao longo dos rios, terminando, por via de regra, o interêsse dos imigrantes, onde terminava a navegabilidade dêstes.

Mas, em menos de duas gerações, operou-se, na mentalidade dos açorianos, uma mudança de atitude, que pareceria incrível, se não constituísse um fato fundamental da história rio-grandense. Como em tôda parte da história da cultura humana, o primeiro impulso desta mudança veio do lado econômico. Vindos dum ambiente insular estreito e pobre, onde cada montanha lhes mostrava o oceano como limite intransponível para as suas empresas, viram-se de repente, colocados na vastidão sem limite do pampa, onde havia espaço suficiente para cada proprietário se transformar em criador: avidamente aceitaram o convite da natureza. Em menos de meio século o pequeno agricultor dos Açores se transformou em criador; seu filho, em barão feudal; seus netos, em gaúchos. Claro está que tal mudança de mentalidade não destruiu o patrimônio trazido da terra de origem; o que aconteceu, foi uma mudança completa de rumos culturais: foi o pampa aberto, antes de tudo a faixa controvertida da fronteira com o Uruguai, que forjou êste novo tipo humano, com suas luzes e suas sombras.

Ora, é sobre êste substrato humano que se baseia, a largos trechos, o edifício da nascente cultura rio-grandense. Durante todo século passado a mentalidade do pampa dominava a vida



pública rio-grandense, e com isso, as atividades culturais; se nos nossos dias a crescente importância das cidades com seu ambiente nivelador, e o surgimento populacional de outras correntes imigratórias introduziram novos germes culturais, isto não destrói o fato de que o berço da cultura rio-grandense está na grandiosa paisagem da Campanha, e que jamais poderá perder por completo as feições de sua juventude. Assim como a fertilidade do solo no vale do Nilo criou o Egito; assim como a posição à beira do Mediterrâneo deu ocasião à soberania marítima dos fenícios; assim como as montanhas azuis da Hélada se tornaram o berço da cultura helênica: da mesma maneira, a Campanha do sudoeste deu origem à cultura rio-grandense. Em tôda parte, o verdadeiro criador da cultura não é o ambiente físico, é o homem com seus valores indestrutíveis; mas a roupagem externa da cultura, sua expressão regional, esta sim, é determinada pela paisagem natural.

Cem anos depois dos açorianos, vieram os primeiros imigrantes **alemães**. O governo imperial os chamara para integrar, no ciclo de produção agrícola, a extensa faixa de selva pluvial que revestia o talude meridional do planalto. Em perfeita analogia com o que observamos entre os açorianos, operou-se neles, já na primeira geração, uma mudança profunda de mentalidade, provocada pela paisagem que tinham adotado como nova pátria. Agricultores pequenos e mínimos, vivendo em aldeias e cultivando, com a máxima intensidade possível suas parcas propriedades espalhadas nas vizinhanças, esta gente simples e laboriosa via-se, de um momento para outro, transplantada para um ambiente totalmente diferente e de possibilidades, no começo, ilimitadas. Outro clima, outro solo, outras plantas de cultura e outras exigências econômicas transformaram radicalmente seu tipo de agricultura, sem, porém, atingir sua mentalidade profunda de pequenos agricultores e artesãos.

O traço mais característico do agricultor teuto, tem sido e ficou até hoje, o amor à selva pluvial. Uma vez que os ancestrais, nos vales do Rio dos Sinos e do Caí, tinham conhecido a fertilidade incomparável deste solo, um como atavismo espiritual se apoderou desta gente, guiando sua expansão ao longo

da Serra Geral, desde Tôrres até Santa Cruz. Ao sul desta faixa havia o campo; mas o campo, até hoje, não atrai o teuto, porque seu solo não se presta para o tipo de agricultura aprendido na mata virgem e porque a criação ao modo de açorianos não pertence à sua tradição. Ao norte dessa nova pátria regional surgem os pinhais do planalto, mas os pinhais não lhes convinham, pois neles o solo é menos fértil, e o ambiente não lhes condiz. Ocupadas as matas na escarpa meridional do planalto, a corrente de lavradores teutos se derramou sôbre as selvas pluviais do noroeste do Estado; de lá saltou para o oeste catarinense; e hoje, em corrente contínua, penetra, no oeste do Paraná; sempre à procura de terras de matas virgem.

Assim o colono teuto implantou, na paisagem rio-grandense, um gérmen cultural de inestimável valor: a pequena propriedade como sistema econômico, e o pequeno artesanato como origem orgânica da indústria. Se por muito tempo se manteve à margem da vida pública, e ainda hoje mostra forte tendência de afirmar os valores próprios de sua tradição, isto não tem trazido os prejuízos que em tempos de exaltação bélica, se quiseram descobrir. A meu ver, antes se deu o contrário: adaptando-se, em lenta transformação, ao novo ambiente, e valorizando um a um, os gêrmens de cultura trazidos de sua terra de origem, êstes imigrantes e seus descendentes evitaram os perigos inerentes a todas as “nacionalizações” precipitadas e superficiais. Não é a uniformização, sem fisionomia e sem caráter definido de personalidade, que constitui a riqueza das sociedades e nações; mas a riqueza e multiplicidade dos talentos humanos coordenadas para o mesmo fim, que é o bem comum. Isto, aliás, vale para todos os imigrantes, que posteriormente aos açorianos, vieram para o Rio Grande do Sul.

Entre êstes, o contingente mais forte é o dos **italianos** que cinqüenta anos depois dos alemães aportaram a estas plagas. Novamente podemos observar, em analogia com os açorianos e alemães, o enorme influxo transformador da paisagem sôbre os imigrantes. Como as selvas pluviais da fralda da Serra já estavam ocupadas, os italianos foram sediados na aba superior do planalto, na zona dos pinhais. É dêste fato histórico que



data a predileção do ítalo pelas terras das Araucária. Embora mais fracas e mais rapidamente esgotadas que as da mata virgem, davam-lhe ensejo para continuar, na nova pátria, duas culturas tradicionais de sua terra de origem, o trigo e a videira. E quando mais tarde surgiram as primeiras possibilidades de valorização econômica do pinheiro, a exploração dos pinhais tornou-se uma das ocupações prediletas dos ítalos.

Chegamos ao fim desta conferência. Seu tema permanece necessariamente inacabado. Parece-me, porém, que assim corresponde melhor à finalidade deste ciclo de estudos sobre a cultura rio-grandense: o escopo das conferências não pode ser o tratamento exaustivo dos problemas; é antes o de delinear as bases gerais, sobre as quais cada um pode e deve construir a sua própria imagem da cultura rio-grandense. A terra é nobre e boa, e sua fisionomia traz as feições maduras de longa história; o elemento humano é múltiplo nas suas origens e nos seu talentos, e uno nas aspirações culturais: e é do homem e da terra que todas as culturas tomam a sua origem e as feições de sua personalidade.

Rambo, Balduino – Tupandí (distrito de Montenegro) RS, 11 de agosto de 1905 – Porto Alegre RS, 12 de setembro de 1961. Jesuíta, professor, botânico, contista, antropólogo e romancista.



A FISIONOMIA DO RIO GRANDE DO SUL

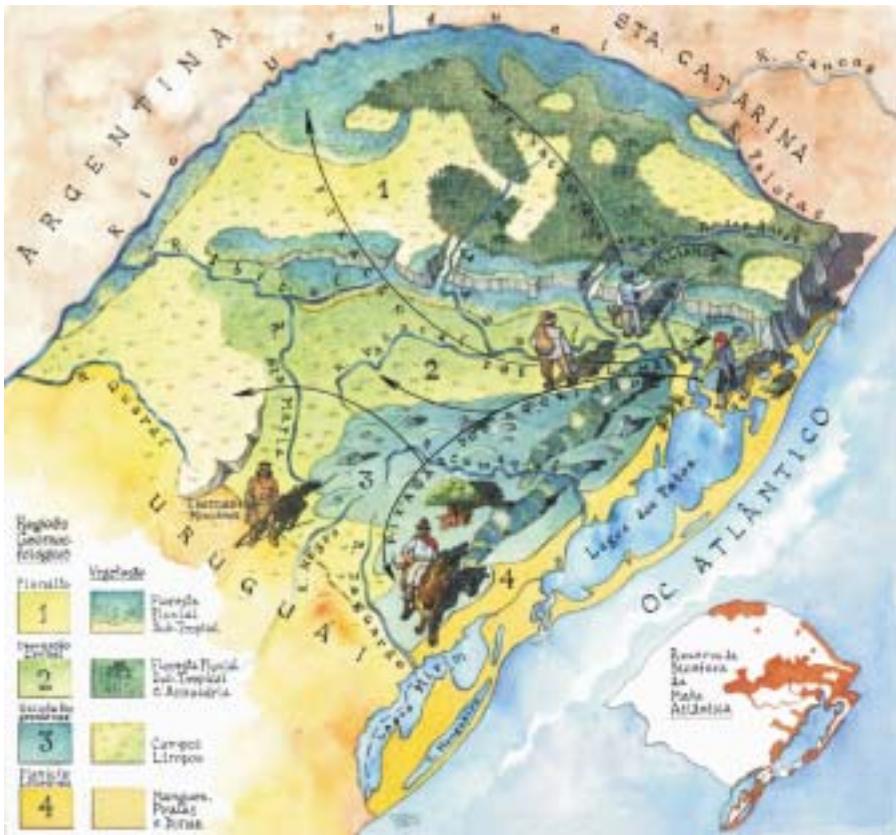


Ilustração: Edgar Vasques

2. OBRAS E TEXTOS PUBLICADOS

Livros didáticos

1. *Elementos de História Natural*. 1ª ed., Tipografia do Centro. Porto Alegre, 1934; edições seguintes pela Livraria do Globo, Porto Alegre.
2. *Elementos de Química* p/ 3º ano seriado (tradução) e p/ 4º ano seriado. Livraria do Globo. Porto Alegre, 1934-1935.

Botânica

1. *Lichenes*. Relatório do Gymnasio Anchieta p. 1-30, 7 il. Porto Alegre, 1932.
2. *La Vegetación del Alto Uruguay*. Revista Sudamericana de Botânica vol. 2, p. 108-110. Montevideo, 1935.
3. *Lichenes Megapotamici*. Broteria, Série Ciências Naturais: vol. 4, p. 174-191; vol. 5, p. 36-73, 97-112, 145-160; vol. 6, p. 5-16, 49-65. Lisboa, 1935-1937.
4. *Florae Riograndensis Cives novae vel minus cognitae in Herbario Anchieta asservatae*. Lilloa: vol. 12, p. 87-109; vol. 14, p. 101-131; vol. 17, p. 17-47, 83-111. Tucumán, 1946-1949. Nota: artigos em co-autoria com Karl Emrich.
5. *A flora Central Antártica e Andina no Rio Grande do Sul*. Boletim Geográfico, IBGE no. 67, p. 705-754. Rio de Janeiro, 1948.
6. *Estudos Botânicos em Sombrio*. Anais Botânicos do Herbário Barbosa Rodrigues vol. 1, p. 7-20. Itajaí, 1949.
7. *A Flora de Cambará*. Anais Botânicos do Herbário Barbosa Rodrigues vol. 1, p. 111-135. Itajaí, 1949.
8. *Padre João Evangelista Rick*. Anais Botânicos do Herbário Barbosa Rodrigues vol. 1, p. 70-84. Itajaí, 1949.
9. *Aráceas Riograndenses*. Anais Botânicos do Herbário Barbosa Rodrigues vol. 2, p. 5-7. Itajaí, 1950.
10. *A Porta de Torres*. Anais Botânicos do Herbário Barbosa Rodrigues vol. 2, p. 9-20. Itajaí, 1950.
11. *O Elemento Andino no Pinhal Riograndense*. Anais Botânicos do Herbário Barbosa Rodrigues vol. 3, p. 7-39. Itajaí, 1951.
12. *A Imigração da Selva Higrófila no Rio Grande do Sul*. Anais Botânicos do Herbário Barbosa Rodrigues vol. 3, p. 55-91. Itajaí, 1951.



13. *Martius* (esboço biográfico). Instituto Hans Staden 20p. São Paulo, 1952.
14. *Análise Geográfica das Compostas Sulbrasileiras*. Anais Botânicos do Herbário Barbosa Rodrigues vol. 4, p. 87-159. Itajaí, 1952.
15. *Sapindaceae Riograndenses*. Anais Botânicos do Herbário Barbosa Rodrigues vol. 4, p. 161-185. Itajaí, 1952.
16. *Estudo Comparativo das Leguminosas Riograndenses*. Anais Botânicos do Herbário Barbosa Rodrigues vol. 5, p. 107-184. Itajaí, 1953.
17. *História da Flora do Planalto Riograndense*. Anais Botânicos do Herbário Barbosa Rodrigues vol. 5, p. 185-232. Itajaí, 1953.
18. *Análise Histórica da Flora de Porto Alegre*. Sellowia vol. 6, p. 9-112. Itajaí, 1954.
19. *História da Flora do Litoral Riograndense*. Sellowia vol. 6, p. 113-172. Itajaí, 1954.
20. *Der Regenwald am Oberen Uruguay*. Sellowia vol. 7, p. 183-233. Itajaí, 1956.
21. *A Flora Fanerogâmica dos Aparados Riograndenses*. Sellowia vol. 7, p. 235-298. Itajaí, 1956.
22. *Die Väter der Botanik in Rio Grande do Sul*. Staden-Jahrbuch vol. 4, p. 31-39. São Paulo, 1956.
23. *Friedrich Sellow in den Namen Brasilianischer Pflanzen*. Staden-Jahrbuch vol. 5, p. 79-91. São Paulo, 1957.
24. *Die Auslesse im Naturversuch*. Pesquisas vol. 1, p. 181-219. Porto Alegre, 1957.
25. *Regenwald und Kamp in Rio Grande do Sul*. Sellowia vol. 8, p. 257-298. Itajaí, 1957.
26. *O Gênero Eryngium no Rio Grande do Sul*. Sellowia vol. 8, p. 299-353. Itajaí, 1957.
27. *Die Alte Südfloora in Brasilien*. Pesquisas vol. 2, p. 177-198. Porto Alegre, 1958.
28. *An Historical Approach to Plant Evolution*. Pesquisas vol. 2, p. 199-222. Porto Alegre, 1958.
29. *Asclepiadaceae Riograndenses*. Iheringia, Série Botânica vol. 1, 57p. Porto Alegre, 1958.
30. *Johann Rick, S.J.* Iheringia, Série Botânica vol. 2, p. 8-12. Porto Alegre, 1958.
31. *Johannes Rick, S.J.* Montfort vol. 10, p. 1-56. Dornbirn, 1958.

32. *Floresta Riograndense*. Agronomia Sulriograndense vol. 3, p. 3-15. Porto Alegre, 1958.
33. *Die Gattung Oxypetalum in Rio Grande do Sul*. Sellowia vol. 9, p. 117-145. Itajaí, 1958.
34. *Geografia das Melastomatáceas Riograndenses*. Sellowia vol. 9, p. 147-167. Itajaí, 1958.
35. *Apocynaceae Riograndenses*. Iheringia, Série Botânica vol. 3, 23p. Porto Alegre, 1959.
36. *Cyperaceae Riograndenses*. Pesquisas vol. 3, p. 353-453. Porto Alegre, 1959.
37. *Towards the Concept of the Species in Plant Evolution*. Pesquisas vol. 3, p. 455-493. Porto Alegre, 1959.
38. *Bignoniaceae Riograndenses*. Iheringia, Série Botânica vol. 6, 26p. Porto Alegre, 1960.
39. *Die Europäischen Unkräuter in Südbrasilien*. Sellowia vol. 12, p. 45-78.
40. *Die Südgranze des Brasilianischen Regenwaldes*. Pesquisas, Série Botânica vol. 8, 41p. Porto Alegre, 1960.
41. *Euphorbiaceae Riograndenses*. Pesquisas, Série Botânica vol. 9, 78p. Porto Alegre, 1960.
42. *Solanaceae Riograndenses*. Pesquisas, Série Botânica vol. 11, 69p. Porto Alegre, 1961.
43. *Migration Routes of the South Brazilian Rain Forest*. Pesquisas, Série Botânica vol. 12, 54p. Porto Alegre, 1961.
44. *Basidiomycetes Eubasidii in Rio Grande do Sul, Brasilia*. Iheringia, Série Botânica vol. 2, p. 1-56; vol. 4, p. 54-124; vol. 5, p. 125-192; vol. 7, p. 193-295; vol. 8, p. 296-450; vol. 9, p. 451-489. Porto Alegre, 1958-1961. Nota: trata-se da publicação da coleção de fungos do Pe. Johannes Rick, S.J., editada postumamente pelo Pe. Rambo.

Trabalhos publicados postumamente:

45. *Labiatae Riograndenses*. Pesquisas, Série Botânica vol. 15, 44p. São Leopoldo, 1962.
46. *Convolvulaceae Riograndenses*. Pesquisas, Série Botânica vol. 16, 30p. São Leopoldo, 1962.
47. *Umbelliferae Riograndenses*. Pesquisas, Série Botânica vol. 17, 37p. São Leopoldo, 1962.



48. *Rubiaceae Riograndenses*. Pesquisas, Série Botânica vol. 18, 74p. São Leopoldo, 1962.
49. *Myrtaceae Riograndenses*. Pesquisas, Série Botânica vol. 20, 62p. São Leopoldo, 1965.
50. *Verbenaceae Riograndenses*. Pesquisas, Série Botânica vol. 21, 59p. São Leopoldo, 1965.
51. *Melastomataceae Riograndenses*. Pesquisas, Série Botânica vol. 22, 45p. São Leopoldo, 1966.
52. *Leguminosae Riograndenses*. Pesquisas, Série Botânica vol. 23, 166p. São Leopoldo, 1966.
53. *Malvaceae Riograndenses*. Pesquisas, Série Botânica vol. 24, 50p. São Leopoldo, 1967.
54. *Bromeliaceae Riograndenses*. Pesquisas, Série Botânica vol. 25, 27p. São Leopoldo, 1967.
55. *Amarantaceae Riograndenses*. Pesquisas, Série Botânica vol. 26, 30p. São Leopoldo, 1968.
56. *Gramineae Riograndenses*. Pesquisas, Série Botânica vol. 36, 191p. São Leopoldo, 1984.

Geografia e Geologia

1. *A Fisionomia do Alto Uruguay*. Relatório do Ginásio Anchieta, 31p. Porto Alegre, 1935.
2. *A Estrutura da Serra nos Vales do Caí e do Rio dos Sinos*. Anais do II Congresso de História e Geografia Riograndense vol.1, p. 89-110. Porto Alegre, 1937.
3. *A Fisionomia do Rio Grande* – Viagens de Estudo. Relatório do Ginásio Anchieta, 58p. Porto Alegre, 1938.
4. *Aspectos do Brasil* – Viagens de Estudo. Relatório do Ginásio Anchieta, 63p. Porto Alegre, 1940.
5. *A Fisionomia do Rio Grande do Sul* – Ensaio de monografia natural. 1ª ed., Livraria Selbach, 360p. Porto Alegre, 1942; 2ª ed., Livraria Selbach, 456p. Porto Alegre, 1956; 3ª ed., Editora Unisinos, 472 p. São Leopoldo, 1994.
6. *A Fisiografia Natural de São Leopoldo*. Anais do Congresso de História e Geografia de São Leopoldo 1846-1946, 12p. Porto Alegre, 1947. Nota: publicado pela Livraria do Globo.
7. *A Fisionomia do Rio Grande do Sul*. Fundamentos da Cultura Riograndense, 1ª série, p. 13-30. Porto Alegre, 1954.

Zoologia

1. *A Caranguejeira (Grammostola longimana)*. Relatório do Ginásio Anchieta, 33p. Porto Alegre, 1933.
2. *Eciton praedator* (A Formiga-de-Correição). Relatório do Ginásio Anchieta, 16p. Porto Alegre, 1941.

História e Antropologia

1. *Os Índios Riograndenses Modernos*. Província de São Pedro vol. 10, p. 81-88. Porto Alegre, 1947.
2. *Arqueologia Riograndense*. Fundamentos da Cultura Riograndense, 2ª série, p. 31-44. Porto Alegre, -.
3. *A Imigração Alemã no Rio Grande do Sul (1824-1914)*. Enciclopédia Riograndense vol. 1, p. 77-123. Canoas, -.
4. *A Religiosidade Católica na Colônia Alemã*. Enciclopédia Riograndense vol. 2, p. 35-42. Canoas, -.
5. *Jesuit Scientific Writings in Rio Grande do Sul, South Brazil*. Pesquisas, Communications 1, p. 15-31. Porto Alegre, 1960.
6. *A Nacionalização*. Enciclopédia Riograndense, vol. 6, 26p. -.

Outros

1. Religião: *Mensagem Celeste*. Editora Vozes, 48p. Petrópolis, 1941.
2. Romance: *Vida por Vida*. Edições Paulinas, 100p. Porto Alegre, 1960.
3. Romance: *Drei Jahre auf dem Mars* (Três Anos no Marte). Federação dos Centros Culturais 25 de Julho, 120p. São Leopoldo, 1987.

Nota: Segundo os organizadores da biografia de Pe. Rambo, é praticamente impossível relacionar todas suas obras, artigos e textos, uma vez que vários destes foram publicados em outros países. Segundo o próprio Pe. Rambo, seu diário constitui a obra mais importante de sua vida.



Fonte:

Rabuske, Arthur, S.J. **Balduino Rambo, S.J.** - *Sacerdote, Naturalista, Escritor e Líder Popular*. Pesquisas, História vol. 26, 117p. São Leopoldo, 1987.

Sehnm, Aloysio, S.J. **Fr. Balduino Rambo, S.J.** *11.8.1905 - 12.9.1961*. Pesquisas, Communications 2, p. 1-8. Porto Alegre, 1961.

Villas-Bôas, Pedro. **Dicionário bibliográfico gaúcho**. Editora EST, 284p. Porto Alegre, 1991.

3. PADRE BALDUÍNO RAMBO E NÓS

O movimento ecológico, embora muitos não reconheçam, é o responsável pelo alerta à população mundial de que o nosso Planeta Terra está doente em virtude do mau comportamento do homem.

No século passado surgiram as primeiras sociedades de defesa dos animais, mas não os defendiam por correrem risco de extinção. Os defensores somente combatiam os homens maus que não tinham qualquer consideração com qualquer animal. Também no século passado só conhecemos dois homens que valorizaram a natureza de modo a procurar protegê-la da desconsideração e das agressões dos homens. O primeiro deles foi um brasileiro, José Bonifácio de Andrade e Silva, o Patriarca da nossa Independência, cujas manifestações são de 1822, e o segundo, David Henry Thoreau, o defensor da vida ao ar livre e dos contatos com a natureza, com o seu livro WALDEN, de 1837. Depois nada, nada... a não ser pequenas e inexpressivas manifestações isoladas, mas sem a compreensão da extensão e gravidade dos perigos.

Apenas no nosso século, mais ou menos na década de 1940, e no Brasil, encontramos dois conterrâneos, aqui no Rio Grande do Sul, que verificaram existir agressões e destruições graves à natureza: desmatamentos, incêndios, poluição que estavam a empobrecer a Terra.

Em 1939, Henrique Luís Roessler fez as primeiras manifestações e protestos públicos contra as violências à Natureza e continuou falando, agindo, escrevendo, fiscalizando, cada vez mais, até o dia de sua morte em 1963.

Em 1942, PADRE BALDUÍNO RAMBO publica sua obra FISIONOMIA DO RIO GRANDE DO SUL, que teve três edições (1942, 1956 e 1994), livro importantíssimo em que aparece a melhor descrição do nosso Estado, sob o ponto de vista da história natural.

Padre Rambo, além de fazer parte de um grupo de poucos visionários da importância que a proteção da natureza fazia em sua época e no



futuro, tinha uma capacidade de entendimento dos processos e caminhos que a natureza adota, como nunca mais se viu na ciência.

Rambo se destaca, não só pela sua belíssima descrição científica do Rio Grande, pois é uma obra que poderia ter similar em qualquer região geográfica do mundo, mas é a única que menciona e destaca a necessidade de valorizar e defender a natureza. Depois de descrever e analisar a nossa história natural e a nossa geografia, ele também menciona as agressões, como o grande incêndio de 1951 nos Aparados da Serra. Sua descrição do ITAIMBEZINHO é entusiástica de um verdadeiro naturalista-ecologista, uma descrição emocionante: *Um monumento sem par se nos apresenta: É o Taimbesinho. É um recanto de beleza única. As araucárias avançando, ou melhor, avançavam até a borda, pois hoje, em 1955, três serrarias destruíram tudo.* Depois ele pára e diz o que ninguém, até então, no Brasil conseguira dizer: *PROTEÇÃO À NATUREZA, AOS MONUMENTOS NATURAIS, ÀS ESPÉCIES BOTÂNICAS E ZOOLOGICAS e HARMONIZAÇÃO DAS OBRAS HUMANAS COM A PAISAGEM NATURAL* e a criação de *PARQUES NATURAIS* e também acusa: *O mato rio-grandense está em grave perigo.*

Finaliza assim o livro com recomendações à proteção, especialmente sobre os APARADOS: *Ali, nos mirantes mais altos do Rio Grande do Sul, com as forças milenares da erosão a trabalhar diante dos olhos, com os temerosos abismos dos canhões aos pés, com o pinhal, a mata branca e o campo, tão rio-grandenses, em derredor, com o oceano no horizonte, as gerações do futuro nos hão de agradecer a piedade e reverência, com que conservamos as mais grandiosas paisagens da nossa terra.*

Suas idéias continuam inspirando antigos e novos naturalistas e ecologistas, e todos aqueles que, mesmo em silêncio e sem um epíteto que os identifique, sentem a natureza como parte da sua própria vida.

Augusto Carneiro; Beto Moesch; Cilon Estivalet; Fernando R. Meyer; Julian Mauhs; Ludwig Backup; Magda Renner; Sílvia Franz Marcuzzo; Renzo Alberto Guillermo Bassanetti e Roberto de Azevedo e Souza.

São 3 as principais funções da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica

Proteção da Biodiversidade Desenvolvimento Sustentável Conhecimento Científico e Tradicional

realização:

CONSELHO NACIONAL DA RESERVA DA BIOSFERA DA MATA ATLÂNTICA

Rua do Horto 931 - Instituto Florestal

São Paulo-SP - CEP: 02377-000

Fone: (011) 62318555 r. 2044/2138 Fax.: 62325728

e-mail: cnrbma@uol.com.br

<http://www.rbma.org.br>



apoio:



Programa MaB
"O Homem e a Biosfera"



Ministério do
Meio Ambiente



SECRETARIA DO
MEIO AMBIENTE

